

GESTÃO ESCOLAR MEDIANDO O USO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGENS, RECONSTRUINDO O FAZER PEDAGÓGICO.

Nilcemar Martins Costa¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito socializar sobre a importância de aproveitar os espaços da escola pública, para atender os jovens matriculados nos anos finais Escola da Autoria em Tempo Integral, despertando na clientela da Escola Estadual Austrílio Capilé Castro, município de Nova Andradina MS, atitudes com resgate de valores, a pedagogia da presença e o protagonismo infanto juvenil, bem como compreender a performance dos espaços de aprendizagem e seu impacto no processo de ensino e de aprendizagem. Levou em consideração para observar o segundo semestre de 2017, com o desenvolvimento do Projeto MS 40 Anos, apontando possibilidades de ressignificar os espaços educativos.

Palavras chave: Inovação. Espaços de aprendizagens. Mediação.

ABSTRACT:

This article aims to socialize on the importance of taking advantage of the spaces of the public school, to attend the young enrolled in the final years School of Authorship in Integral Time, awakening in the clientele of the State School Austrilio Capilé Castro, municipality of Nova Andradina MS, attitudes with values recovery, pedagogy of presence and the role of youthful children, as well as understanding the performance of learning spaces and their impact on the teaching and learning process. It took into consideration to observe the second half of 2017, with the development of Project MS 40 Years, pointing out possibilities to re-significate educational spaces.

Keywords: Innovation. Learning spaces. Mediation

1. Mestra em Ciências da Educação, Especialista em Planejamento Educacional, Bióloga, Diretora na Rede Estadual de Educação de MS, Professora na Associação Nova-andradinense de Educação e Cultura nos curso de Pedagogia e Psicopedagogia.

1. INTRODUÇÃO

O espaço escolar é o ambiente convencional para a aquisição da aprendizagem e, erroneamente, é apontado em serem entre quatro paredes, cadeiras em filas e aulas tradicionais dentro da sala de aula.

Devemos nos abrir para questionar o espaço como um todo, pois, às vezes, só precisamos de um estalo para entender coisas muito simples, que nos provam que a escola não deve ser encarada como um prédio separado do seu contexto

Quando colocamos muros e configuramos a escola como aquela caixa isolada do conhecimento, não consideramos que muitos momentos de aprendizagem importantes para os estudantes também acontecem no seu entorno. Não é fácil sair derrubando muros e paredes de uma escola, então, urge a necessidade que comece derrubando suas paredes internas. Para muitos, à princípio, soa como baderna, desorganização, falta de planejamento, para qualquer pessoa que em plena sanidade não entende a importância de romper as barreiras, quebrar os velhos paradigmas educacionais.

Repensar na configuração da sua sala de aula e agrupar seus estudantes com as carteiras não mais voltadas para o quadro, mas para eles mesmos, testar várias configurações, até encontrar aquela que propicie a melhor interação entre todos, é reconhecer que estamos em pleno século XXI, com entendimento de encarar a escola como uma parte vital do sistema, onde o sangue pulsa por inovação, fazendo com que venha ampliar a interação entre os segmentos e os diferentes atores que fomentam o ensino e aprendizagem não como meros receptores de uma educação bancária arcaica, mas sim de uma composição de seres que se completam em suas buscas em respostas que satisfaçam plenamente a sociedade em que vivemos, propiciando no ambiente escolar em identificar que qualquer lugar pode acontecer interação com aprendizagem, não tão somente no espaço com o contorno de quatro paredes.

Em nossa cultura, que propõe ao desenvolvimento dos processos educacionais de ensino e aprendizagem, embora saibamos que a educação tenha um sentido mais amplo que contempla também ambientes não escolares, esta nova metodologia de ensino, que contempla as metodologias ativas, infelizmente percebe-se não ter sido assimilada, com profundidade, o que decorre da comunidade interna e externa, conceber como escola desorganizada e não aberta aos diferentes saberes, dificultando o desgarrar do modelo tradicional de ensino. Levando a evidenciar que temos uma escola do século XIX, com professores que se

identificam com o século XX, apresentam dificuldades notórias de aceitar o novo com sua gama de desafios e alunos frutos do século XXI com necessidades acadêmicas, devendo estar focado no desenvolvimento integral de cada jovem, ajudando-o a progredir em diversas dimensões e, sempre que possível, a materializar seus sonhos

A importância da organização dos espaços físicos e de aprendizagem existentes na escola e da dimensão espacial humana das relações e interações dos sujeitos que a habitam é foco prioritário. Segundo Paulo Freire: “Há uma pedagogia indiscutível na materialidade do espaço”. (FREIRE, 1999:49).

O planejamento e a reflexão sobre o espaço educativo é fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, pois é nele onde são promovidas as interações entre os sujeitos e os objetos de conhecimento. Portanto, o espaço escolar deve ser organizado de forma a favorecer o desenvolvimento do coletivo propiciando aprendizagem através da socialização e troca de experiências e saberes diversos.

Ao se planejar e organizar o espaço escolar é imprescindível considerar o aspecto da diversidade e heterogeneidade presente na escola que deve procurar atender as diferenças dos educandos promovendo a liberdade de expressão e de movimento, autonomia, cooperação e interação, itens indispensáveis à formação do sujeito aprendente dentro de um grupo heterogêneo de intenções e percepções.

A forma como os espaços estão organizados comunicam as ideias e as concepções que permeiam o pensamento de quem os idealizou projetou ou organizou, e podem libertar a alma, o pensamento para o desenvolvimento ou embotá-lo. (SILVIA PERRONE, 2011)

Refletindo sobre o espaço escolar devemos pensar e agir em prol de uma escola que seja rica em possibilidades de interações humanas e que se permita a troca de saberes e o livre expressar das ideias, concepções e visões de mundo contidas nos sujeitos que a habitam.

Vale ressaltar que Viviane Mosé, em um dos seus vídeos, relata sobre o resgate do pensamento crítico com tênue acentuação, pois, infelizmente o modelo educacional pedagógico ao longo das décadas não incentiva o pensamento e a criatividade, mas sim a passividade em decorrência da cultura educacional ao longo da história da educação. O desafio contemporâneo nos revela que de fato estamos inertes ao atendimento que se faz necessário, mudamos de século, porém não evoluímos na educação, juntamente os estudantes estão engessados, o professor ainda ensina o aluno sem conseguir instigar e a aguçar a sua curiosidade, a repetição está presente, desenvolver capacidade de leitura do mundo atual hoje tem o seu valor, mas para quem reproduz e não que repete.

2. GESTÃO ESCOLARA E SUA ATUAÇÃO NO AVANÇO ACADÊMICO

Arrazoar sobre o tema gestão escolar e sua atuação no avanço acadêmico, mantendo a inferência democrática da escola nos inflige, a princípio, considerar a realidade como dinâmica e complexa, ao apresentar uma análise relacional e globalizada das três bases apontadas nas entrelinhas do tema: a política educacional, as avaliações externas e a epistemologia convergente.

Tais bases são parte de um todo que se interpenetram e se inter cruzam e só podem ser analisadas separadamente a partir de uma abstração exclusivamente didática.

Este ensaio se propõe a expor a questão a partir desse dispositivo didático. Assim, a discussão se iniciará pela abordagem da questão epistemológica convergente, por considerarmos que esta contém um componente mais amplo no que tange à globalidade das inter-relações.

Em seguida, buscar-se-á localizar o debate político atual da educação sul-mato-grossense em seus novos modelos de instrução que condicionem as práticas docentes e discentes, de maneira a evidenciar aprendizados escolares e suas peculiaridades da matriz curricular, com ênfase no entrosamento para com a Escola da Aatoria no Ensino Fundamental específico nos anos finais.

Por fim, as taxas e indicadores de evolução acadêmica destas fases de ensino e aprendizagem, serão abordados numa semântica de apropriação de resultados em busca de ações que visem consolidar práticas efetivas ao sucesso escolar, tratando-os numa abordagem histórica, almejando realização de parâmetros entre o antes, o atual e o ideal, configurando desta maneira a especificidade do componente pedagógico e sua conexão entre os três tópicos mencionados

No sentido de organização e gestão escolar, é importante frisar que os atores sociais presentes no ambiente escolar, denominados como segmentos escolares - diretores, coordenadores, professores, pais, alunos e servidores, devem ser considerados sujeitos ativos do processo, e a pedagogia da presença há de ser uma constante nos distintos momentos de atendimentos. Aos que hoje são chamados a continuar a caminhada com Dom Bosco é necessário conhecer mais a fundo sua proposta de vida e de santidade. Dom Bosco soube trabalhar as potencialidades daqueles que estavam sob seus cuidados, pacientemente os ajudou a desenvolver os dons trazidos, colocando-os a serviço do bem. Olhou com individual cuidado os corações desses meninos, não os queria iguais. Revelou sonhos, incentivou buscas,

resgatou valores, e para tanto, usou da presença verdadeira na vida de cada um. Estava ali, era pai, educador, amigo, confessor.

Aqui se torna necessário enfatizar a “participação e autonomia” como dois dos princípios básicos da gestão democrática e prol de resultados eficazes. De maneira geral, a alteração empreendida se apoia no pressuposto de que se a gestão escolar não tem conseguido alcançar a qualidade na educação desejada pela comunidade escolar, porém, há um estreito relacionamento que implica numa rigorosa análise da possibilidade de viabilizar a excelência na qualidade da escola com base na mediação da gestão escolar, bem como ao compromisso político dos seus atores do que aos condicionantes sociopolíticos e epistemológicos que a envolve.

Para Ferreira (1999, p. 11), “participar significa estar inserido nos processos sociais de forma efetiva e coletiva, opinando e decidindo sobre planejamento e execução”. Tanto essa autora quanto Araújo (2003), afirmam que o ato de participar pode ser expresso em diversos níveis ou graus, desde a simples informação, avançando para opinião, voto, proposta de solução de problemas, acompanhamento e execução das ações, e que deve gerar um sentimento de corresponsabilidade sobre as ações. O que importa, então, é que os atores sociais da escola tenham conhecimento e clareza do sentido do termo, da responsabilidade que o mesmo encerra e das formas possíveis de participação no interior de uma gestão democrática para que, assim, eles possam vivenciar o processo e de fato identificar a sua atuação no avanço acadêmico.

Como você deve ter percebido, não há um roteiro pronto ou uma receita mágica para inovar. Nem sempre é fácil encontrar uma solução para todos os problemas, mas o importante é começar. Derrube paredes (físicas ou ideológicas), quebre paradigmas, apodere os atores envolvidos e ouça (muito!) todos. O processo de transformação não acontece da noite para o dia e se desenvolve de inúmeras formas, dependendo de cada escola, cada grupo de estudantes e professores e de cada comunidade. É preciso ter resiliência, trabalhar em grupo, pesquisar diferentes fontes e, principalmente, saber que o trabalho não termina nunca. Ele se renova a cada vivência, a cada nova demanda, a cada questionamento, a cada tentativa que não deu certo ou a cada tentativa que deu tão certo que precisará estar sempre sendo desafiada

Por meio de metódica pesquisa empírica realizada nas redes sociais e artigos acadêmicos como busca inicial, obtendo uma visão dos agentes escolares no que diz respeito às implicações da estrutura didática e administrativa no desempenho escolar e na construção da cidadania, levando a crer que o alcance dos objetivos educacionais, em seu sentido amplo, depende da canalização e do emprego adequado da energia dinâmica ocorrente no contexto de

sistemas de ensino e escolas em relação a objetivos educacionais concebidos e assumidos por seus membros, de modo a constituir um empenho coletivo em torno da sua realização, atenuando que vários fatores implicam em assumir o papel que bases teóricas acabam por fundamentar e orientar, de que forma a educação pode ser concretizada.

Os diferentes autores trazem à tona vários fatores que devem ser levados em consideração em qualquer projeto educacional, entre eles, o perfil de aluno que queremos e os fundamentos educacionais que possam dar vida aos conteúdos abarcados no Referencial Curricular do estado de Mato Grosso do Sul, à metodologia de ensino e aos instrumentos de avaliação adotados pela unidade de ensino, previstas nos Projetos Políticos e Pedagógicos de cada unidade de ensino que suscita ter sido debatido entre todos os membros da comunidade escolar, dando a este documento um formato dinâmico e coletivo.

Conclui-se que o esforço teórico impelido no entendimento de tratamento a política educacional, às avaliações externas e a epistemologia convergente constituiu-se num movimento explicativo de como vemos as medidas relacionadas à temática da gestão democrática, que refletem no campo da política educacional, acentuando que a gestão escolar e sua atuação no avanço acadêmico devem concentrar esforços simultâneos e conjecturar sobre as especificidades do aprender e ensinar, de maneira articulada com as diferentes práticas de ensino, constituindo em quebrar paradigmas e se desvencilhar dos métodos arcaicos e tradicionais, traçando deste aspecto em elementos que questionem os valores, as culturas e as interações que empunham a gestão democrática como foco a condicionar limites que interfiram de maneira efetiva em uma educação não apenas com qualidade social, mas que igualmente podem ser recriadas no contexto da prática, corroborando na elevação de taxas e indicadores acadêmicos.

2.1. METODOLOGIAS ATIVAS E PROBLEMATIZAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Relacionar a problematização mediante a definição de metodologias ativas, certamente é algo muito precoce no cenário educativo brasileiro e ainda há muito a se debater nesse aspecto educacional, porém o ensino tradicional, hoje rotulado, vai além das metodologias clássicas com exposição verbal, foco nos exercícios, na reprodução, na memorização, no professor como detentor do saber. Cabe ao docente, conectar táticas metodológicas e saberes do passado, presente e futuro para a melhoria do ensino e aprendizagem, onde requer ser mediador discente. A proposta foca cada vez mais na busca do processo de ensino e aprendizagem, de forma a centralizar na sua real inserção na sociedade.

Desta forma haverá construção com amplitude de inserção do estudante como protagonista e autor da sua aprendizagem, propiciando ser responsável pela sua trajetória acadêmica e em alcançar os objetivos almejados para sua formação.

A maior diferença entre o modelo tradicional e as metodologias ativas não se restringem em dar vazão aos questionamentos e surgimento de conflitos sem soluções. O grande lance é questionar, valorizar o diálogo entre o grupo e desmistificar o problema proposto. Paulo Freire enfatiza a Pedagogia da Problematização em sua obra Pedagogia do Oprimido.

Para concluir a reflexão é necessário analisar e combinar o método tradicional de ensinar e os seus avanços, a demanda atual com aplicação de conteúdo dinâmicos, com qualidade para prender a atenção dos alunos tecnológicos da era Z, que apresentam em uma das suas características a extrema necessidade de estar sempre inteirado e pronto para a exposição de suas opiniões, aliando-se aos conteúdos programáticos com necessidade de desconstruir e ser estruturado pelo professor mediador, aproveitando todos os espaços escolares para propiciar ao educando intimidade com seus saberes adquiridos.

De acordo com Lima (1995, p.187).

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais.

2.2. PROCESSO AVALIATIVO

Arguir sobre avaliação, é algo muito complexo, pois, há uma trajetória pessoal que norteia e sensibiliza o fazer pedagógico enquanto docente e gestora. Significa afirmar que uma avaliação com equidade impõe reconhecer a necessidade de oferecer possibilidades diferenciadas em função das necessidades, para então produzir a igualdade. Reconhecer as diferenças, por exemplo, de origem dos alunos e de desenvolvimento da aprendizagem, entre outros, é a forma de promover a igualdade. É a forma mais significativa de promover a justiça. Esta, não compreendida em sua dimensão legalista, mas assumida como relacionada a critérios, que levam em consideração as condições individuais e contextuais.

Porém neste período letivo “quarto bimestre”, nos atentemos mais que tudo que a nota não é o processo final da avaliação, o resultado indiscutível de uma prova não termina com declaração de acerto ou o erro do aluno, mas define o início dos procedimentos de devolutiva da avaliação, isto é, dos julgamentos e decisões a serem tomadas. Essa compreensão dos processos avaliativos confere à avaliação sua função socioeducativa.

Estamos vivendo um tempo de crise global, em que os velhos paradigmas da Modernidade estão sendo contestados e em que o conhecimento, matéria prima da educação escolar, está passando por uma reinterpretação. A avaliação escolar é parte dessa contestação e implica na mudança do paradigma educacional atual, para que se encaixe no mapa da educação escolar que precisamos retrazar.

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero são cada vez mais desveladas e destacadas, sendo isso condição imprescindível para se entender como aprendemos e como entendemos o mundo e a nós mesmos. O modelo educacional já mostra sinais de esgotamento e, no vazio de ideias que acompanha a crise paradigmática, surge o momento oportuno das transformações.

Vale ressaltar: avaliar é estabelecer “juízo de valor sobre dados relevantes da realidade, visando à tomada de decisão” (LUCKESI, C.C. 1984), verificar é investigar e constatar o resultado, fazendo o seu registro” “. Para isto usamos as medidas existentes, e medir é descrever objetos pessoas ou fatos, por meio de números que os quantificam segundo regras, características ou padrões preestabelecidos.

É, sobretudo, pela avaliação, que o aluno internaliza sua autoimagem, conforme a classificação que lhe é atribuída, entre os bons, os médios e os fracos. Esse é o problema maior da avaliação classificatória, na qual o ato de avaliar não serve como uma parada para pensar a prática e retornar a ela; mas sim como um meio de julgar a prática e torná-la estratificada. (LUCKESI, 1986: 28).

A avaliação enquanto uma prática pedagógica tem o compromisso com o processo educativo, com o desenvolvimento dos alunos e com o aperfeiçoamento do ensino. Analisar resultados de avaliação sem considerar este contexto, tem produzido processos de hierarquização de resultados, como se a classificação por si fosse auto elucidativa. Classificar alunos em uma escala informa o nível de aquisição de aprendizagens dos alunos de uma classe, mas é preciso ampliar o olhar: identificar o tipo de erro obtido, as dificuldades de cada um dos alunos e, principalmente, é absolutamente necessário tomar decisões em relação aos que já dominam determinado

conteúdo e aqueles que ainda não o adquiriram. Para ampliar esta reflexão é sugestivo repensar o processo avaliativo previsto no Projeto Político Pedagógico no que tange ao significado teórico prático de avaliação processual, constatando que os resultados obtidos não mensuram tão só as notas dos discentes, mas parâmetros para que o docente possa fazer auto avaliação a cada bimestre, retomando outros elementos que passarão a ser analisados na construção dos seus critérios avaliativos.

2.3. TEMPO INTEGRAL NOVAS COMPETÊNCIAS PARA UMA ESCOLA VIVA

É necessário um esforço coletivo de todos os agentes participativos da escola, na tentativa de abranger a complexa multidimensionalidade e diversidade do espaço escolar, que é, sobretudo humano, abrigando suas inúmeras capacidades como o pensar, criar, sentir e agir modificando e transformando o seu entorno. É nessa perspectiva que devemos idealizar e trabalhar não para uma escola fria, estática e burocrática e sim para uma escola humana e transformadora, ou seja, uma “escola viva”.

Ao correlacionar o vídeo apresentado por Mosé para com diferentes fontes, instiga-nos a fazer uma retrospectiva na história da educação, oportunizando ter em visão natural das perplexidades ocasionadas nos diferentes ambientes escolares, não há o que negar, a escola reflete a exclusão social como foco nos desafios da educação atual. No país, a crescente expansão da oferta de vagas na escola pública não foi acompanhada das condições necessárias para garantir a qualidade da educação. Coexistem, até hoje, problemas como degradação do espaço físico, mobília escolar, velocidade de internet, escola sem espaço físico adequado para o atendimento curricular ofertado, aumento de turnos e de número de alunos por turma, clientela fora da faixa etária, descontinuidade das políticas públicas e a disseminação de múltiplas tendências pedagógicas concomitantemente sem a preocupação com sua sustentabilidade teórico-metodológica vinculada à formação inicial e continuada de professores.

É evidente que o Tripé, pilares da educação que devem estar firmes, quão longínquos se encontram, necessitando repensar na escola integral não só como políticas públicas da educação: Famílias distantes; alunos não se identificam com o ambiente escolar e não sabem o motivo de estarem na escola. Os desafios para a implantação de escola integral é um processo que cria conflito mediante e escola velha retardando o avanço para a escola viva de fato.

Somos uma comunidade global que apresenta o desejo de transformar, é uma necessidade, pois, o jovem contemporâneo precisa aprender a ser um ser pensante e atuante, sendo impelido e intercedido por um professor, assim como Rubens Alves diz: o incentivo é por meio da relação, é perceptível que as ideias dos estudantes vêm em pacotinhos que suscitam ser provocados.

Na verdade a escola deveria aprender para poder ensinar. As expectativas para a escola de tempo integral precisa tornar-se uma oportunidade única de reinventar a escola pública. Almejar uma escola que torne o estudante a ser autor e protagonista de sua própria história, é um patrimônio essencial para a sociedade, porém qualitativamente, tornando um novo desafio para que a escola possa estar alinhada a uma nova geração de conhecimento somando aos novos modelos educacionais que priorizem ao estudante sair do modelo tradicional de ensino. O mundo avançou e a tecnologia está presente em tudo, à escola deixa a desejar neste sentido, os métodos precisam ser mais dinâmicos para acontecer o ensino e a aprendizagem, na construção de uma prática pedagógica que afirme a educação como direito de todos e de cada um.

2.4. ESPAÇO FÍSICO FACILITANDO O RESGATE DE NOVOS APRENDIZES

Cada instituição de ensino possui uma estrutura física que geralmente não é adquirida por decisão dos educadores, porém eles podem intervir no sentido de tornar o ambiente escolar acolhedor por meio de uma decoração e organização adequada do espaço.

Assim, o ambiente escolar deve proporcionar harmonia e funcionalidade, não apenas para os alunos, mas para todos que fazem parte da instituição escolar de forma direta ou indireta. O que acontece é que na maioria das vezes quando se aborda a organização do espaço pedagógico o que vem em mente são decorações festivas para o estudante apreciar, o importante é que, apesar delas necessitarem de um espaço maior, os demais trabalhadores devem se sentir à vontade para exercer suas tarefas de forma qualificada.

Ao iniciar a organização do espaço é importante lembrar que crianças, adolescente e jovens necessitam de espaço que possam chegar brincar, aprender, comer, realizar as necessidades fisiológicas e até mesmo dormir.

Quanto aos professores, estes necessitam de um espaço onde possam se reunir trabalhar em equipe, receber visitas de pais, para guardar material e outros.

Ressalta-se que muitas escolas não possuem espaço físico suficiente para preencher as necessidades, nesse caso a imaginação é aspecto fundamental para a organização.

A decoração deve partir do princípio de uma elaboração de propostas realizadas pelos educadores de forma que tenham uma distribuição e organização do espaço que corresponda às reais necessidades.

Os estudantes devem engajar-se nesta empreitada de deixar o ambiente com a sua cara, usando caracteres pessoais dentro da abordagem definida pelo grupo. Observa-se nas pinturas das paredes internas, o envolvimento dos estudantes na proposta de levantar dados que traduzam o estado de MS e caracterizar as salas de aulas de acordo com seus interesses. A estética é importante, porém a prioridade deve ser a sensação de bem-estar, um lugar acolhedor no qual, com o decorrer do ano letivo, realizem modificações de acordo com as necessidades das do grupo.

2.5. ESPAÇO REPENSADO PARA MEDIAR O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Arguir sobre o tema, faz-se necessário trazer a conceituação de Maria da Graça Souza Horne, doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e autora de livros renomados, como “O espaço como educador: sabores, cores e aromas”. Ela diz que o termo “espaço” se refere aos locais onde acontecem as atividades escolares, com características próprias definidas pelos móveis, recursos didáticos, decoração. Já o termo “ambiente” é mais amplo: remete ao conjunto desse espaço físico e a relações que ali acontecem, envolvendo os afetos e as ligações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, espaço é mais objetivo; o ambiente, mais subjetivo.

As novas práticas exigem novos espaços. O modelo tradicional de carteiras enfileiradas, apontando para o quadro, não responde às necessidades de uma nova metodologia de educação, estamos em pleno século XXI com educação do século XIX impregnada de tendências filosóficas arcaicas e bancárias, que urgem pelo dever notório em servir ao propósito da escola do século XXI, de estudantes interessados e que se sintam à vontade nesse ambiente de aprendizagem, um local de bem-estar e inspiração, onde a aprendizagem reflita os princípios que norteiam e apoiam esse processo.

O espaço está aí para facilitar uma metodologia, assim sendo, antes de sequer mudar uma carteira de lugar, é necessária uma reflexão sobre que tipo de práticas você vai desenvolver com seus estudantes. Questionar sobre o propósito deste planejamento *on line*

que engessa a pluralidade do aprender. Podemos reinventar a escola, legalmente. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 27): “Essa ampliação e diversificação dos tempos e espaços curriculares pressupõe profissionais da educação dispostos e com perfis a reinventar e construir essa escola, numa responsabilidade compartilhada com as demais autoridades encarregadas da gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.” Porém precisamos de uma clientela que seja solícita, para com sua corresponsabilidade enquanto parte integrante deste processo. A educação não tem que ser imposta, a escola tem que ser para quem realmente almeja o processo da arte do aprender e tragam condições de ensino e aprendizagem vertical, com um espaço mais versátil, para que o aluno possa transitar livremente, acessando com facilidade os espaços para além da sala de aula e dos muros da escola.

A real avaliação deste processo, ainda precoce, porém o caminho é fazer perceber que os estudantes não precisam mais ficar enfileirados, eles aprendem a se relacionar uns com os outros, buscando ajuda dos colegas com quem têm mais sintonia, no quadro de Mato Grosso do Sul, o estudante não está ativamente engajado, indo mais além, professores, faculdades e famílias tem sido impulsionados para deglutir as novas metodologias.

Por isso, precisamos levar em consideração que a educação não acontece somente nos limites da escola, reconhecendo que há muito a aprender fora dela, ultrapassando os seus muros e paredes, reconhecendo que o professor pode lançar mão de todos os cenários internos e externos, mediando e aguçando a curiosidade dos estudantes, permitindo desta maneira a concepção do aprender com uma integração ampla com a comunidade. Devemos nos abrir para questionar o espaço como um todo, pois, às vezes, só precisamos de um estalo para entender coisas muito simples, que nos provam que a escola não deve ser encarada como um prédio separado do seu contexto.

A interação entre todos os atores e protagonistas daquele entorno é fundamental para que o aluno compreenda sua importância para a sociedade. Qualquer lugar pode interagir com a aprendizagem, que não acontece só no espaço contornado por quatro paredes.

Em nossa concepção, inovar em educação é criar e implementar, com sucesso, novas ferramentas, metodologias ou modelos que tornem a gestão de escolas e redes mais eficientes, demonstrando melhoras efetivas na aprendizagem dos alunos. A inovação pode ou não incluir computadores, aplicativos e internet, ocorrer de baixo para cima ou, ao contrário, começar

com programas de governo a exemplo a Escola da Autoria, ou a partir de iniciativas dentro de uma sala de aula, ser incremental ou radical, relacionar-se a conteúdos, a métodos ou à gestão.

2.6. ALUNO PESQUISADOR EM BUSCA DE UM MEDIADOR

A pesquisa escolar primeiramente precisa ser concebida como tal. Sempre retrato ao corpo docente que o planejamento desde a consagração dos seus primeiros registros, o termo “pesquisa” sempre veio arrolado de uma maneira errônea, pois na grande maioria o docente leva o estudante para realizar meramente uma cópia em diferentes referências e registra que o seu instrumento metodológico foi pesquisa. Contraditório ao sentido real no sentido literal de o que é realmente a pesquisa.

Pesquisa é a construção de um conhecimento novo, a construção de novas técnicas, a criação ou exploração de novas realidades. Para Demo (2000, p. 33), "Na condição de princípio científico, pesquisa apresenta-se como a instrumentação teórica metodológica para construir conhecimento". Para Luna (2000, p. 15), "Essencialmente, pesquisa visa à produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente fidedigno..." o conceito novo para o autor, significa neste contexto: Luna (2000, p. 15), "... um conhecimento que preenche uma lacuna importante no conhecimento disponível em uma determinada área do conhecimento."

Daí a importância de instigar o professor a ter como ponto de partida esta contestação: ser copista de livros, revista, sites de busca é tão somente realizar levantamento de dados, deste ponto até que se tenha a pesquisa propriamente dita há que se arguir por demais, o uso das metodologias ativas por projetos ou por problematização, deve ser entendida pelos autores da mediação da aprendizagem, como ferramentas pertinentes, para que o docente possa idealizar o seu papel de mediador junto aos estudantes que borbulham de conhecimentos intrínsecos a busca de orientadores no sentido de sua vasão, com uso dos diferentes ambientes de aprendizagem, se tornando um grande aliado no processo de ensino e aprendizagem nas díspares modalidades de ensino. Esta deve ser uma postura do professor, pois, segundo Freire (2001): “não existe pesquisa sem ensino e nem ensino sem pesquisa”. Desde o início da escolarização, deve-se focalizar na importância da pesquisa para a construção do conhecimento do aluno com uma formação crítica, criativa e inovadora.

Certamente é muito importante para o aluno que a qualidade de mediação exercida pelo professor, se faça presente por este profissional, independente se da base comum ou diversificada, carecendo apresentar o perfil desejado de competências e habilidades que

venham de encontro a realizar o envolvimento dos estudantes em seus centros de interesses, propiciando aos envolvidos na ganancia pelo saber, desenvolver o protagonismo como relevância para com sua autonomia. Pois desse processo, dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aquisição da aprendizagem escolar, com postura fidedigna de levar o estudante a investigar com criticidade, com autonomia e como protagonista de sua trajetória acadêmica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade da informação exige espaços de aprendizagem cada vez mais abertos, seja na escola, universidade ou em ambientes informacionais de educação. Diferentes situações de aprendizagem devem ser trabalhadas para que o educando possa efetivamente compreender as necessidades de informação dos tempos atuais. Trata-se de um processo de aprendizagem ao longo da vida, ativo e construtivo.

Não bastam apenas respostas tecnológicas no processo investigativo. Tanto a capacidade de agir como o pensamento crítico, criativo e reflexivo, devem influenciar o ambiente educacional no caminho que leva ao uso adequado das tecnologias de inteligência humana, fundamentais para que os saberes sejam destituídos de um lugar sacralizado, suscitando o desejo de aprender e incentivando a elaboração de um projeto pessoal de aprendizado tanto individual quanto coletivo, dentro e fora da escola. Nenhum conhecimento, em sua complexidade, é absoluto ou eterno, há sempre uma relação com outros saberes. O campo informacional exige processos dinâmicos de interação entre as áreas do conhecimento humano, em sua complexidade, em relação aos fenômenos sócio históricos, à aprendizagem do real e à vida cotidiana.

O processo educativo não deve ocorrer de modo isolado, e entre as chamadas fronteiras do conhecimento pontes precisam ser construídas, alicerçadas pela mediação sociocultural, de diversidade e respeito às diferenças. Mesmo estando vivendo em um período de ansiedade de informação – ou mesmo ditadura informacional - principalmente devido à imposição e exigências do mercado de trabalho, os futuros profissionais necessitam aprender a lidar com o universo informacional para saber o que fazer com ela, de modo crítico e criativo buscando compreender, além do uso das tecnologias, a lidar com questões éticas, socioculturais, econômicas e políticas relativas ao desenvolvimento do meio em que ele está inserido, de modo a contribuir com um projeto de democratização da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de et al. O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Autonomia da escola: princípios e propostas. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004. Livro “Sabores, cores, sons, aromas”, de Maria da Graça Horn, Editora Penso, 2003.